

Jornal "O Dia" de 30/8/1979.

Em entrevista ao semanário "Temoignage Chretien"

## Pintassilgo admite que constitui para a esquerda uma "nova possibilidade"

O Primeiro-Ministro diz que não se identifica "com qualquer das formações políticas que actualmente representam a esquerda em Portugal" e reconheceu a inevitabilidade de essa posição a levar a confrontamentos com os partidos políticos, "indispensáveis à evolução das democracias" mas não suficientes.

(Pág. 10)

Fundação Cuidar o Futuro



Enquanto troca mensagens calorosas com Kossiguine

## Pintassilgo anuncia alterações profundas em Portugal ao "die Welt"

• O primeiro-ministro reconhece que a sua presença em S. Bento dá alento e uma "nova possibilidade" para a esquerda (o Verão de 75?)

Acaba de ser divulgada em Moscovo o teor de uma calorosa troca de mensagens de felicitações subscritas por Alexei Kossiguine, chefe do governo soviético e Maria de Lurdes Pintassilgo, primeiro-ministro português.

"Felicitações e os melhores desejos de acordo com as suas elevadas responsabilidades" foram as palavras enviadas por Kossiguine a cumprir na circunstância um dever protocolar, o qual mereceria de Lurdes Pintassilgo a sua profunda gratidão, e votos de felicidade para o povo soviético.

Lurdes Pintassilgo está a adoptar uma imagem e um estilo bem diferente dos habituais em S. Bento, o que corresponde aos desejos de mudança sempre caros à primeira-ministra. Para além da imagem pessoal, Lurdes Pintassilgo começa a anunciar as suas intenções de proceder a alterações profundas na condução dos assuntos políticos portugueses, difíceis de implantar ou mesmo iniciar em 100 dias.

Em duas entrevistas, cujo teor foi divulgado ontem pela Anop, tal intenção transparece claramente, pois tanto no seu depoimento ao semanário francês "Temoignage Chretien" como nas declarações ao jornal da RFA "Die Welt", defende a via desenvolvimentista para a economia portuguesa em detrimento do caminho até agora seguido com a concordância do FMI. No primeiro caso, destacou mesmo como

propósito do V Governo o de criar as condições necessárias para que aos seus sucessores se imponha a escolha entre duas teses que há muito se confrontam, propósito que será consagrado no plano que tem em preparação, acrescentou.

Na segunda parte da entrevista ao "Temoignage Chretien", intitulada "Os cem dias de Maria de Lurdes" (ainda não se sabe, pelos vistos, que este "slogan" já está completamente ultrapassado em Portugal) o primeiro-ministro explicita aliás quais são esses dois caminhos: um, a "auto-suficiência alimentar" outro, o "desenvolvimento de nós em três sectores industriais susceptíveis de se tornarem competitivos no exterior", como vias alternativas para o reequilíbrio da balança comercial. Neste plano situaria ainda a necessidade de Portugal "renegociar certos empréstimos estrangeiros", a partir de uma posição de "plena soberania".

Abordando os problemas que considera mais candentes em cada domínio da vida social portuguesa, referiu-se também à organização da administração pública, cuja descentralização apontou como imperiosa". Segundo Maria de Lurdes Pintassilgo, entre os domínios "em que o meu Governo poderá agir" citaria depois a aplicação da Lei de Bases do Serviço de Saúde (vulgo Serviço Nacional de Saúde) e a Reforma Agrária, a respeito da qual invocaria a respectiva lei para

reiterar a intenção de proceder a devoluções. Mas, acrescentou logo, só "em certos casos" e em determinadas condições, de entre as quais referiu a de o proprietário explorar directamente a terra.

Antes, o primeiro-ministro português revelara que não se identifica "com qualquer das formações políticas que actualmente representam a esquerda em Portugal", admitindo, contudo, que a sua nomeação para o cargo constituía para a esquerda uma "nova possibilidade" — facto confirmado na sua opinião avisada pelas reacções à sua escolha. Mas não deixaria de reconhecer "pontos de encontro" entre o seu projecto de sociedade e o dos partidos de esquerda, ainda que não seja a altura de pôr as suas ideias em prática, diria, devido ao "contexto institucional em que se situa a acção do meu Governo". E lembrou: "Há que preparar as eleições".

Ainda nesta entrevista Maria de Lurdes Pintassilgo mostrar-se-ia favorável ao pluralismo sindical, advogaria uma integração na CEE que se não confunda com "a formação de um bloco político", aludiria às relações com Angola e Moçambique cujos contenciosos terão de ser resolvidos "por negociações que se situem num quadro de relações entre estados soberanos", e considerou a questão de Timor como um problema que Portugal ainda não resolveu

"depois de ter sido ultrapassado pelas circunstâncias e o poder armado".

Finalmente, pronunciando-se sobre a atitude da Igreja portuguesa relativamente ao regime democrático, o primeiro-ministro disse achar que pesou nessa posição a recordação da I República e do anticlericalismo que a mareou, mas negou que as tomadas de posição conjuntas dos bispos pudessem ser classificadas como reacionárias.

No que diz respeito à entrevista ao "Die Welt" também ocuparia largo espaço do seu depoimento, a questão económica, afirmando Maria de Lurdes Pintassilgo que o problema fundamental é o desenvolvimento a médio prazo, não sendo essencial a eliminação do défice da balança de pagamentos. Contraria assim, frontalmente, os conselhos expressos às autoridades portuguesas no último relatório anual da OCDE sobre o nosso País (ver notícia noutra local). No seu entender, o que "falta é uma linha mestra de política industrial, a opção entre indústria pesada e indústria ligeira".

"A tarefa do meu governo e dos seguintes — diria Lurdes Pintassilgo a seguir — será, portanto, a de nos debruçarmos sobre as necessidades do mercado interno e de nos concentrarmos na cooperação com a CEE, e perguntarmos: o que precisamos nós da Europa, o que é que a Europa precisa de nós?".

Mas para o primeiro-ministro as principais tarefas são a criação de uma nova "motivação do interesse do País



pela política", visando as eleições intercalares, e, por outro lado, a descentralização da "pesada máquina administrativa nas decisões da colectividade.

Analisando os possíveis resultados das eleições intercalares o chefe do Executivo adiantou que "novos elementos surgirão" ainda que o "quadro exterior poderá parecer o mesmo". Tais alterações poderiam propiciar ao Presidente da República a revisão do quadro de exigências que tem feito ao Parlamento "para a formação de governos, designadamente a existência de uma maioria estável".

No domínio da agricultura o primeiro-ministro pensa que a questão da reforma agrária tem sido um tema em que esbarram os dirigentes políticos, sendo todavia mais importante mobilizar os pequenos agricultores, para um trabalho conjunto em cooperativas" depois de se definir o "que queremos cultivar". Até porque diria "vaca e meia por família é muito pouco".

Seja como for Pintassilgo não acredita que os portugueses não acreditam na democracia, pensando até que a "consideram capaz de vingar. As nossas instituições começam finalmente a funcionar. O problema é as pessoas reagirem com precipitação".

Todavia aceita a ideia de que "muitos portugueses estão cansados da instabilidade. Mas o seu interesse pode de novo ser motivado", sendo essa uma das principais tarefas do seu governo.

Fundação Cuidar O Futuro

